

heresia: jesus cristo e os  
outros filhos de deus  
catherine nixey

Tradução de Luís Filipe Pontes



*Para P. J. J. N.,  
por me fazeres rir.*

«Quando o Senhor a viu, teve pena dela e disse-lhe: “Não chores.” Depois, aproximou-se e tocou no esquife, e os carregadores ficaram parados. Então, disse: “Jovem, digo-te: levanta-te!” E o morto sentou-se e começou a falar, e Jesus entregou-o à sua mãe.»

**Lucas, 7:13-15**

«Disse Apolônio: “Ponham o esquife no chão, pois cessarei o vosso pranto pela jovem.” (...) E depois de simplesmente ter tocado nela e de ter dito algo em segredo, despertou a noiva da sua aparente morte. A jovem falou, e regressou a casa do seu pai.»

***Vida de Apolônio de Tiana, IV.45***

«É provável que um caranguejo ficasse indignado se nos conseguisse ouvir a classificá-lo como sendo um crustáceo, assim sem nada mais e sem lhe pedir desculpa, etiquetando-o e pondo-o de parte. “Eu não sou nada disso”, diria. “Sou EU PRÓPRIO, e apenas isso.”»

**William James,  
*As Variedades da Experiência Religiosa (1902)***

# ÍNDICE

---

*Prólogo* ♦ 11

*Introdução* ♦ 13

*Nota da Autora* ♦ 24

**CAPÍTULO UM:** Anticristo ♦ 27

**CAPÍTULO DOIS:** Dar vista aos cegos e fazer andar os coxos ♦ 39

**CAPÍTULO TRÊS:** As falsidades dos mágicos ♦ 51

**CAPÍTULO QUATRO:** Sangue de serpente e olho de macaco ♦ 56

**CAPÍTULO CINCO:** O fruto da loucura ♦ 69

**CAPÍTULO SEIS:** O que é que Jesus faria? ♦ 79

**CAPÍTULO SETE:** Sardinhas e ressurreições ♦ 86

**CAPÍTULO OITO:** Saídos do esterco ♦ 98

**CAPÍTULO NOVE:** Ide por todo o mundo ♦ 108

**CAPÍTULO DEZ:** No paraíso ♦ 117

**CAPÍTULO ONZE:** O nascimento da heresia ♦ 124

**CAPÍTULO DOZE:** Acerca das leis ♦ 134

**CAPÍTULO TREZE:** As raças dos monstros heréticos ♦ 143

**CAPÍTULO CATORZE:** Como grãos de areia ♦ 153

**CAPÍTULO QUINZE:** A outra origem do mundo ♦ 158

**CAPÍTULO DEZASSEIS:** Desvendar o arco-íris ♦ 167

**CAPÍTULO DEZASSETE: Santo Agostinho e a aranha ♦ 184**

**CAPÍTULO DEZOITO: Extirpar os inimigos da Fé ♦ 197**

**CAPÍTULO DEZANOVE: Que não fique memória ♦ 206**

**EPÍLOGO ♦ 215**

***Agradecimentos* ♦ 219**

***Bibliografia* ♦ 221**

***Lista de imagens* ♦ 249**

***Imagens* ♦ 253**

***Notas* ♦ 269**

# PRÓLOGO



*«Todas as crianças cristãs devem ser / Ternas,  
obedientes e boas como Ele.»*

**«Na Cidade Real de David»,  
hino litúrgico do século XIX**

*«Ele está a matar os nossos filhos»*

**Um pai queixa-se do comportamento de Jesus,  
Evangelho do Pseudo-Tomé, século II**

**M**esmo quando Jesus era pequeno, os seus conterrâneos apercebiam-se de que havia algo nele que não era comum. Talvez fosse por ele demonstrar uma certa autoconfiança — a roçar a arrogância — no modo como falava com os adultos. Ou talvez isso se devesse à forma como os seus pais, Maria e José, o tratavam: com um respeito que, por vezes, parecia roçar a ansiedade.

Ou talvez fosse porque matava pessoas.

Os milagres de Jesus não tinham começado de modo terrível. De facto, o seu primeiro milagre, do qual se falaria durante séculos, de Alexandria à Arábia, teve um grande encanto. Num *Shabat* (o sábado), quando tinha apenas cinco anos, Jesus brincava com outras crianças da sua aldeia no vau de um riacho. Estava a desviar a água que corria até pequenas lagoas que fazia, como as crianças adoram fazer. Depois de se ter formado a lagoa, a água clareou e acalmou-se.

No entanto, observando com atenção, havia algo estranho na forma como a água se comportava. Não obedecia às leis da natureza, correndo, fluindo e ficando calma. Em vez disso, obedecia às ordens daquele menino: quando ele dizia, a água mudava de curso.

Cansado daquela brincadeira, Jesus fez outra coisa. Pegando no barro mole que se podia encontrar na terra lamacenta junto à água, começou a esculpir pequenos pardais, doze ao todo. Nesse momento, passou por ele um homem e viu o que estava a fazer. Zangado por Jesus estar a violar o

*Shabat* daquela forma\*, o homem foi falar com José e contou-lhe aquilo que vira. José foi ter com Jesus. Perguntou-lhe porque é que ele estava a fazer aquelas coisas «em dia de sábado, quando não era permitido». Jesus não lhe respondeu diretamente. Em vez disso, bateu as mãos e gritou aos pardais: «Ide!»<sup>1</sup> E os pardais voaram a chilrear.

Se os acontecimentos desse dia se tivessem limitado a isto, já seriam suficientemente notáveis. Mas houve mais.

Um outro rapaz que tinha visto tudo aquilo avançou, pegou num pau de salgueiro, destruiu os pequenos diques que Jesus tinha feito para canalizar as águas, e libertou-as das lagoas. Jesus virou-se para ele, furioso. «Ó injusto, ímpio e tolo!», disse. «Que mal te fizeram as lagoas e as águas?» Irado, prosseguiu: «Contemplai», disse. «Eis que agora também tu, como uma árvore, murcharás; e não levarás folhas, nem raiz, nem fruto.»<sup>2</sup> Foi uma maldição algo obscura, mas os seus efeitos eram evidentes. Imediatamente, aquele rapaz saudável definhou e ficou deformado.

O pior estava para vir.

Pouco tempo depois do incidente no riacho, Jesus andava pela aldeia quando outro miúdo passou por ele a correr e foi contra o seu ombro. Pode ter sido por acidente; ou pode ter sido propositado. Seja como for, Jesus ficou novamente furioso e murmurou uma maldição ameaçadoramente oblíqua. «Não continuarás o teu caminho.»<sup>3</sup> O sentido tornou-se bem claro passado um instante: o menino caiu morto.

Estas palavras estão no *Evangelho de Tomé sobre a infância de Jesus*\*\*.

---

\* A religião judaica preceitua que no sábado não se podem realizar trabalhos criativos de nenhum tipo. (N. de T.)

\*\* Ou *Evangelho do Pseudo-Tomé*, para não se confundir o nome do autor com o nome do apóstolo Tomé, que não foi quem escreveu esse texto, mas sim um outro Tomé, também israelita, do século II. (N. de T.)

# INTRODUÇÃO



**T**odos os anos, em capelas, igrejas e catedrais, pelo meio do inverno, acontece o mesmo.

Uma pequena voz solitária quebra o silêncio. «Na Cidade Real de David», entoa, «havia um humilde estábulo.» O cântico prossegue, contando uma história tão bem conhecida que praticamente não é preciso repeti-la. É a história de como, naquele estábulo humilde, uma virgem (carinhosa e gentil) deu à luz o seu filho numa manjedoura; de como esse bebé se tornou um menino (bom e obediente); e de como esse menino revelou ser, em verdade, um salvador — o salvador que está agora sentado nos céus.

Ouvir este cântico, como saberá qualquer pessoa que o tenha ouvido, é uma experiência comovente — quase não tanto pelas palavras que contém, mas pela forma como é interpretado. Pois começa com uma voz de criança, suave como um seixo, luminosa como uma estrela e solitária. Ao passar para o segundo verso, o solista ganha a companhia de vozes do coro; e, por fim, junta-se toda a congregação, uma enorme onda crescente de som, e a nota isolada torna-se coro, com a mensagem nas bocas de todos: Jesus chegou. O cristianismo está aqui.

A história do cristianismo — o relato de como uma seita pequena e insignificante conseguiu dominar o Ocidente — é contada muitas vezes de formas igualmente emocionantes. Nesta história, o cristianismo começa como uma voz apenas — a voz de Jesus. Depois reúne um pequeno coro — um pescador aqui, um cobrador de impostos acolá — ainda antes de mais pessoas se sentirem atraídas, conquistadas pela mensagem de como aquele menino se tinha tornado num homem que dava a vista aos cegos, curava os coxos, que tinha sido crucificado e ressuscitado. Primeiro, começaram a acreditar algumas dezenas de pessoas, depois foram centenas, em seguida milhares, e depois milhões, até que, num momento miraculoso e triunfal, o próprio Império Romano se converteu, alterando o destino do mundo.

Esta história é-nos familiar, não apenas porque no-la contaram, mas porque a arte e a arquitetura ocidentais estão imbuídas de cristianismo: preenche o teto da Capela Sistina; ressoa no triunfante *Messias* de Händel e está entretido nas obras de Milton, Dante e Donne. Mudou coisas grandes e pequenas: moldou os horizontes das nossas cidades — pois ergueu a cúpula da Basílica de São Pedro, as torres de Notre-Dame e estende os

seus braços sobre o Rio de Janeiro — e colocou palavras nas nossas bocas, porque quando falamos de terras de leite e mel, de ladrões na noite ou de oferecer a outra face — ou, na verdade, quando falamos de «pôr palavras na boca» —, dizemos frases moldadas por ele. Até o nosso calendário foi estabelecido de acordo com o cristianismo, porque no Ocidente celebramos os dias dos santos, descansamos aos domingos e festejamos o Natal e a Páscoa. O próprio tempo é medido segundo um ritmo cristão. E isto parece ser uma mensagem escrita na pedra, imutável.

Só que estas certezas são uma ilusão. O Evangelho de S. João começa com a magnífica frase lapidar que declara que «No princípio era o Verbo», a palavra — mas no princípio do cristianismo não havia um «Verbo» único e singular, nem uma mensagem cristã única\*. Pensar o contrário é um completo disparate. Nos primeiros séculos do cristianismo havia, em vez disso, muitas «Palavras» e muitas vozes — uma boa parte das quais discordavam veementemente entre si, por vezes de forma violenta, sobre quase todos os aspetos da história das origens da sua fé. Na realidade, nos anos que se seguiram à vida e à morte de Jesus, não existia absolutamente nenhum consenso sobre quem é que ele fora, ou sobre o que é que fizera, ou sobre porque é que ele era importante — ou se ele era de facto importante. Nos séculos iniciais do cristianismo, havia de facto cristãos que afirmavam que Jesus era manso, apaziguador e gentil, mas havia muitos outros cristãos que acreditavam fervorosamente num salvador que cegava aqueles que o criticassem e que matava quem simplesmente o incomodasse. E havia alguns cristãos que acreditavam alegremente nas duas coisas.

Encontram-se divergências por toda a parte. Pensemos, por exemplo, na história do nascimento de Jesus. Apesar de alguns dos primeiros cristãos terem acreditado realmente que Jesus nasceu de Maria, uma virgem, havia um grande número de outros que pensavam que isso era simples tagarelice ou um disparate total. Para estes, Jesus era simplesmente um homem como os outros, que tinha sido perfilhado por José, «da mesma forma que todos os homens são gerados a partir da semente de um homem e de uma mulher».<sup>4</sup> Outros cristãos rejeitavam totalmente a ideia de que um deus pudesse ser gerado num ventre mortal, como os simples mortais — era demasiado impróprio. Em vez disso, defendiam que Jesus tinha sido concebido no Céu e chegara à Terra, descendo «de cima e passando pela Virgem Maria como a água passa por um cano».<sup>5</sup> Aparentemente, esta solução era

---

\* Sobre a possível tradução de «Verbo» por «Palavra» (e porque é que esta última pode ser inadequada), ver o capítulo cinco.

considerada mais decorosa. E um texto extremamente antigo, datado de meados do século II, explica com algum detalhe como Jesus engravidou a própria mãe.<sup>6</sup> Nesse relato algo surpreendente, Jesus explica o modo como ele, sob a aparência de um anjo, surgiu à sua mãe, Maria, que se riu, e como então ele próprio entrou dentro dela, dizendo: «Eu, o Verbo, entrei nela e me tornei carne.»<sup>7\*</sup>

As diferenças prosseguem. Para quase todos os aspetos relativos a Jesus que são hoje «conhecidos» no Ocidente, existiram outrora alternativas. Ao passo que alguns cristãos antigos veneravam um Jesus que aconselhava aos seus seguidores que deixassem ir até ele as criancinhas — como acontece com o nosso Jesus familiar da catequese e dos domingos —, outros dos primeiros cristãos veneravam um Jesus que alertava os seus seguidores, com palavras fortes, para que não tivessem filhos, porque todas as crianças eram «lunáticas, subdesenvolvidas, aleijadas, surdas, estúpidas, paralíticas ou idiotas».<sup>8</sup> E apesar de terem de facto existido cristãos que desde o começo acreditavam, como sucede com os cristãos de hoje, num Jesus que foi crucificado, havia outros que consideravam isso um absurdo, pois porque é que um deus se deixaria crucificar? Esses cristãos afirmavam — pelo menos, de acordo com quem os criticava — acreditar que Jesus tinha magicamente substituído o seu corpo pelo de outro homem no derradeiro momento, e depois ficou em frente à cruz, «a rir», enquanto esse homem morria em grande agonia.<sup>9</sup>

Quase todos os primeiros textos cristãos nos oferecem perspetivas diferentes; uma vertente diferente da história cristã que atualmente nos é familiar. As diferenças são vertiginosas. Tomemos como exemplo a Virgem Maria. De cabelos dourados e cabeça baixa, Maria foi durante séculos o símbolo do ideal de mansidão feminina. Mas nem sempre foi tão dócil: uma narrativa antiga da Natividade inclui uma versão de Maria cuja vagina podia assar carne humana, algo que faz, a dada altura. O texto onde se encontra esse relato é, de várias maneiras, muito bonito. Durante o nascimento de Jesus há um instante em que o mundo para literalmente de girar: os pássaros ficam parados em pleno ar; um pastor que erguera o braço para bater numa ovelha fica congelado, com o braço levantado; até mesmo as estrelas fazem uma pausa durante a sua procissão noturna pelo céu. Então,

---

\* Isto é, de muitas formas, um prolongamento completamente lógico da ideia que seria mais tarde conhecida como «Trindade»: se Deus é, de facto, três pessoas numa só — se é em simultâneo Deus, Jesus e o Espírito Santo —, então parece ser razoável assumir que, se Deus (de alguma maneira) engravidou Maria, nesse caso Jesus esteve também envolvido (de alguma forma). É uma leitura que incita à reflexão.

pouco depois do nascimento de Jesus, chegou uma mulher à nossa conhecida cena da Natividade, onde estava já o boi e o burro, e — num desvio ligeiramente menos familiar desta história — meteu o dedo na vagina de Maria para verificar se ela era realmente virgem. A mão da mulher foi imediatamente queimada. A mulher lamentou-se então como pôde.<sup>10</sup>

Mas, e talvez isto seja o mais importante, nem todas as vozes que podiam ser ouvidas durante esses séculos tão longínquos e, por isso, obscuros para nós, eram cristãs. Apesar do que as histórias cristãs e os cânticos sentimentais possam fazer as nossas mentes modernas pensar, Jesus não nasceu num mundo espiritualmente silencioso — e certamente não chegou a um mundo onde havia falta de profetas. Pelo contrário: se lermos os satíricos da Antiguidade, parece ter existido, por volta do tempo em que Jesus viveu, uma abundância de homens que afirmavam ser capazes de curar os cegos e os coxos — e que também gostavam de fazer previsões do futuro que punham os cabelos em pé. Tal como disse de forma ácida um crítico grego, chamado Celso: há «outros que vagueiam a mendigar [e] dizem que são filhos de Deus e vieram das alturas».<sup>11</sup>

Para as mentes gregas e romanas educadas, todos esses ditos «profetas» não eram dignos de piedosa reverência, mas sim de paródia — e os escritores gregos e romanos parodiavam-nos devidamente, sem misericórdia. «É um costume normal e comum», escreveu Celso, referindo-se aos ditos profetas, «dizerem: “Eu sou Deus (ou filho de Deus, ou um espírito divino). E vim sobre a Terra.”» O seu discurso cansativo era sempre o mesmo: após declararem a sua divindade, diriam: «O mundo já está a ser destruído. E vós, ó homens, ireis perecer por causa das vossas iniquidades. Mas eu desejo salvar-vos. E ver-me-eis regressar com poder celestial.»<sup>12</sup>

Ainda me lembro do lugar em que estava sentada quando li Celso pela primeira vez. Foi numa tarde cinzenta de outono, na Biblioteca Britânica, e os leitores em meu redor começavam a acender os candeeiros das suas mesas. Ao olhar para as palavras escritas na página amarelada perante mim (Celso é um autor muito longe de estar na moda, ainda hoje), encontrei passagens que me pareciam ser tão cétricas, tão rudes e tão chocantes — e, sinceramente, tão divertidas — que me tiraram o fôlego. Tive de resistir à tentação de dar uma cotovelada à pessoa sentada ao meu lado e de lhe perguntar se conhecia aquilo.

Eu não conhecia, seguramente, e tinha sido criada num ambiente bastante religioso. Antes de se terem conhecido e se casarem, a minha mãe tinha sido freira e o meu pai monge — e mesmo depois de terem abandonado

as ordens religiosas, não deixaram a religião totalmente para trás. Íamos à igreja todos os domingos, dávamos graças antes das refeições e rezávamos antes de dormir. Todos os Natais, ajudava a minha mãe a montar o nosso presépio, com o seu pequeno Menino Jesus em tons rosados, e com o boi e o burro; não comia chocolate na Quaresma; a cada *Halloween*, ficava piamente escandalizada com quem pintava a cara e ia pelas portas a dizer «doçura ou travessura?», um costume que considerava ser pecaminoso e americano. Até bem entrada na minha adolescência, acreditava em Deus — e foi somente com a idade de vinte e poucos anos que me senti suficientemente confiante para dizer que não acreditava ativamente. No entanto, durante a maior parte do tempo precedente, a minha ideia de Deus era bastante vaga: quando era muito pequena, pensava que Deus se chamava Pedro, porque na missa me parecia que, por vezes, se dizia: «Agradece a Deus Pedro.»

Apesar de o ter deixado, o catolicismo instalara-se em mim como poeira, penetrando em lugares visíveis e invisíveis. Muito tempo depois de ter deixado de acreditar, deparava-me com recantos de catolicismo na minha mente que tinham permanecido despercebidos e intocados durante anos. Por alturas do final da minha adolescência, soube que uma amiga minha não tinha sido batizada e, por um instante, fiquei estupefacta com a forma como os pais dela tinham podido ser tão descuidados: o nome dela parecia-me estar menos «ligado» a ela, se não tivesse a segurança da água benta. Passado um momento, senti-me chocada por ter ficado chocada — e, no entanto, tinha ficado.

Mas é claro que é preciso pouco para espantar a filha de um monge e de uma freira: também costumava sentir-me alarmada quando os pais dos meus amigos punham música alta no carro, e até mesmo com pessoas que vestiam calças de ganga, que me pareciam ser surpreendentemente modernas. Não tenho orgulho no meu feitio cerimonioso; estou apenas a registá-lo. Muito depois de ter deixado de acreditar na verdade do Deus cristão, ainda acreditava na verdade da história cristã e em como essa religião tinha sido acolhida e se propagara. É por isso que, quando comecei a ler Celso na biblioteca, naquele aborrecido dia de outono, fiquei estupefacta mais uma vez — mas nesse momento, pela minha própria ignorância: como é que eu não sabia que no mundo antigo tinham existido pessoas a dizer tais coisas?

Comecei a ler e não parei. Sei agora que existem boas razões para não ter sabido — e porque é que algumas pessoas ainda não sabem. Em certos meios — por exemplo, entre aqueles que se interessam pela história do cristianismo —, as perspectivas de escritores como Celso são muito conhecidas.

Mas certamente não são familiares para todos, e raramente são abordadas nas escolas. Isso não surpreende. Só porque alguma coisa é um facto histórico — como terem existido muitas formas diferentes de cristianismo na Antiguidade —, isso não significa que seja amplamente conhecido. O historiador Edward Hallett Carr escreveu uma vez que os factos históricos são «como peixes a nadar num vasto oceano que por vezes é inacessível; aquilo que o historiador consegue pescar depende em parte do acaso, mas depende sobretudo da área do oceano que escolheu para pescar».<sup>13</sup> Durante muitos séculos e na sua maioria, os historiadores cristãos não passaram muito tempo a pescar em águas onde pudessem encontrar salvadores alternativos, ou relatos de um Jesus assassino — e é certo que raramente optaram por servir esses «peixes» aos seus leitores.

Na verdade, a ausência dessas histórias também se deve, pelo menos em parte, a causas mais sinistras. Muitas das histórias deste livro foram enterradas, em alguns casos de maneira bastante literal, quando o cristianismo ascendeu a uma posição de poder no século IV. Sob influência do cristianismo, os hábitos ruidosos, críticos e briguentos do Império Romano começaram a mudar. Tal como declarado pelas portentosas palavras de uma lei do século IV, nesse novo mundo cristão os debates públicos sobre religião deveriam acabar; e aqueles que continuassem a «discutir» sobre religião em público «pagariam o preço da alta traição, com as suas vidas e o seu sangue».<sup>14</sup>

Pouco depois, apareceram outras leis. No espaço de algumas décadas após o cristianismo ter chegado ao poder, aqueles designados como «hereges» começaram, em primeiro lugar, a ser privados de alguns direitos legais; depois, passaram a não poder desempenhar certas profissões; em seguida, foram privados dos seus locais de culto e até, em muitos casos, das suas casas. Uma regra tipicamente agressiva proclamava que «as sujas e contagiosas ideias dos hereges serão expulsas das cidades e corridas das aldeias».<sup>15</sup> Neste mundo novo, os textos heréticos (ou textos que eram apenas críticos do cristianismo) foram proibidos e queimados, ao passo que os próprios hereges podiam ser também perseguidos, por vezes de forma violenta. Cinquenta anos depois de o cristianismo ter alcançado as mais altas esferas do poder, «muitas comunidades daqueles que são chamados “hereges” foram inteiramente massacradas», como notou um observador.<sup>16</sup> Este livro vai olhar para essa história e para a maneira como a Igreja Católica se tornou, segundo as palavras do grande historiador de Oxford, Geoffrey de Sainte Croix, na «maior força persecutória organizada da história humana».<sup>17</sup>

No coração de muitas dessas perseguições encontrava-se o novo conceito cristão de «heresia». A palavra passaria a estar estreitamente associada ao cristianismo, mas era muito anterior a ele. «Heresia» provém da palavra grega *haireo*, que significa «eu escolho»<sup>\*</sup>. Com a forma «heresia» — *haeresis*, em grego — indicava simplesmente algo que era escolhido; uma «escolha»<sup>18</sup>. No mundo grego pré-cristão, a palavra «heresia» tinha conotações positivas — usar o intelecto para fazer escolhas independentes e conscientes era algo bom. No entanto, essa conotação positiva não se manteve. Passado um século sobre o nascimento da nova religião, a «escolha» já se tornara para os cristãos um «veneno», deixando de ser uma coisa louvável. Começou a falar-se dos «hereges», não apenas como pessoas, mas como uma doença que devia ser «curada», uma gangrena para ser «extirpada» e uma poluição que devia ser eliminada para se purificar a comunidade cristã no seu conjunto. Tal como Santo Agostinho — um homem que teve sempre um domínio invejável das metáforas — diria mais tarde, os hereges eram aqueles de quem a Igreja «se esvaziava como se fossem esterco».<sup>19</sup>

Mas é importante termos cautelas relativamente à palavra «heresia», sobretudo porque pretende possuir uma exatidão que não tem. Obras sobre esta época referiram-se, durante séculos, aos «hereges» e aos «ortodoxos» como se esses termos fossem absolutos, ou seja, com definições nítidas e permanentes. Só que não são; são relativos — pouco mais do que o equivalente religioso de «meu» e «teu», ou talvez, no contexto da História, de «vencedor» e «derrotado». Tal como escreveria o filósofo John Locke: «Toda a gente é ortodoxa para si própria.»<sup>20</sup>

Este livro tem como título *Heresia*, apesar de nem todas as crenças que refere serem heréticas — bem longe disso. Algumas eram cismáticas; outras eram meramente desaprovadas — e muitas das histórias mais surpreendentes que aqui são relatadas foram (apesar das admoestações ocasionais da Igreja) aceites como fazendo parte do culto cristão durante séculos. Escolhi *Heresia* como título, não tanto devido ao sentido cristão da palavra, mas mais por causa do sentido grego original. Porque este livro fala da escolha, e de como ela se pode perder.

Isso pode acontecer de maneiras muito mais subtis do que frequentemente se possa pensar. Quando a maior parte das pessoas pensa em heresia e na forma como as heresias são eliminadas, tende a pensar em momentos

---

<sup>\*</sup> Para sermos mais exatos, é na voz média, ou seja, com características da voz ativa e da voz passiva, que significa «escolho»: *haireomai*, «tomo para mim». Mas as formas da voz média são mais complexas; por isso, optei pela primeira pessoa na voz ativa.

de violência: aldeias massacradas e leis ferozes; línguas e mãos cortadas; espancamentos, torturas e mortes. E esta história tem realmente muitas coisas dessas, certamente — como deve ser: uma tal violência não tem apenas efeito sobre as crenças, também tem, a um ou dois milénios de distância, o efeito de produzir uma história muito interessante.

Mas a violência também pode ser uma distração. Thomas Carlyle criticava a História «escrita com histerismo» — e devemos estar de sobreaviso contra isso, também neste livro.<sup>21</sup> Muitas pessoas se devem ter convertido ao cristianismo no mundo antigo por razões positivas. Essa nova religião trazia aos seus aderentes muitos benefícios, tanto espirituais como materiais, dado que os primeiros cristãos, tal como outros que vieram mais tarde, se ocupavam generosamente dos necessitados. E apesar de alguns terem sido obrigados a converter-se pela violência ou sob ameaça, o número de tais conversões deve ter sido reduzido. Poucas sociedades, e ainda mais no caso das sociedades antigas, conseguem levar a cabo uma repressão violenta contínua em grande escala. Roma não o conseguiu, seguramente: mesmo no seu apogeu, o império era administrado de maneira tão leve que havia, em média, um elemento do alto funcionalismo imperial por cada 330.000 habitantes.<sup>22</sup>

De facto, a violência raramente era necessária. A maioria das pessoas não precisa de ser flagelada com chicotes com pontas de chumbo para abandonar as suas ideias; na maior parte dos casos, o medo de perder o ganha-pão, ou o de perder um amigo, é suficiente para as fazer mudar de crenças — ou pelo menos deixar de falar nelas. «Podeis falar da tirania de Nero e de Tibério; mas a verdadeira tirania é a do vosso vizinho», como escreveu Walter Bagehot, jornalista e editor da era vitoriana. «A opinião pública é uma influência que perpassa e que exige obediência.»<sup>23</sup> Este é, então, um livro sobre heresia e sobre como as crenças e as ideias são silenciadas violentamente. Mas também diz respeito às formas como as pessoas se auto-silenciam. Diz respeito às maneiras muito mais insidiosas através das quais as coisas deixam de se poder escrever, numa primeira fase; deixam de se poder dizer, em seguida; e, por fim, deixam de se poder pensar.

Este livro fará algumas coisas que, no mundo da História, mesmo não sendo heréticas, são um pouco reprováveis. Desde logo, porque abordará o cristianismo ao lado de outras religiões clássicas. Isso é algo relativamente incomum (apesar de hoje o ser muito menos do que foi outrora). Durante séculos, havia quase uma espécie de acordo de cavalheiros entre os

classicistas e os teólogos no sentido de que os deuses gregos e romanos, que cabiam nas categorias da «História» e da «mitologia» (e, de modo tácito, do «absurdo»), deveriam ser abordados pelos classicistas; ao passo que o Deus cristão e os seus seguidores, que se inseriam autenticamente na categoria da religião, deveriam ser tratados pelos teólogos.

Esta relutância em colocar o cristianismo ao lado de outras religiões antigas é compreensível. Tal como observou o psicólogo pioneiro William James, «recuamos por instinto ao ver um objeto a que dedicamos as nossas emoções e afetos a ser trabalhado pelo intelecto, como outro objeto qualquer».<sup>24</sup> Mas também é História limitada. Os teólogos e os classicistas bem podem arrumar os seus livros em cantos diferentes das diferentes bibliotecas, só que o mundo clássico era muito mais promíscuo: tal como disse um autor antigo, uma estátua de Orfeu podia estar sem nenhum problema ao lado de uma estátua de Jesus; o nome de Hélio podia surgir juntamente com o de Cristo no mesmo feitiço.<sup>25</sup> Este livro vai refletir essa abordagem antiga e misturar e comparar hábitos cristãos e não cristãos. O cristianismo foi excepcionalmente bem-sucedido; mas não foi — apesar das suas pretensões posteriores — excepcional.

Também nos moveremos de forma enérgica: vamos percorrer séculos e continentes — e sem desculpas. O cristianismo propagou-se com uma rapidez extraordinária pelo mundo conhecido e as suas consequências iriam perdurar muitos séculos; para se poder sequer dar uma ideia disso, é necessário ser-se ágil. Este livro vai assim dirigir-se até à Síria antiga para ouvirmos uma fascinante ode local, em que o Espírito Santo retira o leite dos seios de um Deus cristão que é muito menos masculino do que aquele que a maior parte de nós hoje conhece.<sup>26</sup> Vamos viajar para África e ouvir um texto cristão etíope que relata como Jesus ressuscitou um galo que iria servir de jantar e enviou a ave para o céu, durante mil anos. Também vamos avançar no tempo e ver como um exército de «cruzados» se reuniu na curva de um rio na França medieval, para em seguida irromper por uma pequena cidade e matar todos os homens, mulheres e crianças que encontraram abrigados numa catedral, porque alguns deles — não todos, mas apenas alguns — eram hereges.

Este livro não pedirá apenas a atenção dos leitores, mas também a sua imaginação. Pedir-vos-á para irem até àquele momento de silêncio do início do cântico de que falámos e imaginar não apenas que existiram outras vozes na escuridão, mas igualmente que houve um tempo — há muito desaparecido — em que essas outras vozes tinham importância. É difícil

conseguir dar esse salto de imaginação: estando bem conscientes de que quase todas essas vozes seriam eliminadas na Europa, os historiadores tiveram a tendência de as votar também ao esquecimento nas páginas da História. Mas elas estavam lá, essas vozes — e foram importantes. Ainda são, em alguns lugares.

No final de 1950, o explorador Wilfred Thesiger chegou ao Iraque e viajou até às suas áreas pantanosas. Ficou enfeitiçado por aquilo que encontrou. Viu pessoas que seguiam um modo de vida que quase não se tinha alterado ao longo de 2000 anos. Também encontrou pessoas que praticavam uma religião que se parecia um bocadinho com o cristianismo: os seus seguidores acreditavam em Deus, em Adão e em João Batista. Mas essa religião era ao mesmo tempo muito diferente, porque as pessoas acreditavam que Jesus não era um salvador, mas sim uma fraude e um feiticeiro malévolo. E na Etiópia, até aos dias de hoje, muitos cristãos ainda leem aquele texto acerca do galo ressuscitado.

Durante séculos, a forma de cristianismo que sobreviveu no Ocidente defendeu que a sua vitória sobre os rivais foi uma coisa natural e predestinada. Não foi nada disso. Sobreviveram outras formas de cristianismo e outras religiões antigas que se assemelhavam muito a ele, noutras locais, durante séculos. Se a História se tivesse inclinado ligeiramente noutras direções em determinados momentos, também poderiam ter sobrevivido na Europa. Mas não conseguiram. No Ocidente, venceu um tipo de cristianismo, que depois aniquilou os seus rivais. Um só tipo de cristianismo foi bafejado pela sorte e chamou-lhe destino. Mas não foi destino. Poderia ter sido tudo diferente, muito facilmente.

Ainda assim, de certo modo, essas diferenças dos inícios não morreram completamente. Muitas dessas primeiras versões do cristianismo estão hoje em grande parte esquecidas — mas não desapareceram. Tal como muralhas antigas há muito enterradas deixam revelar sulcos e linhas em campos de trigo atuais, também essas crenças antigas marcaram o cristianismo moderno, em maior ou em menor dimensão. Evangelhos e histórias que posteriormente iriam parecer chocantes a leitores modernos foram, durante séculos, essenciais para o calendário, para as leituras e para o pensamento da Igreja; muitas delas iriam embeber a arte e o pensamento do cristianismo ocidental. Observem com atenção, escutem com cuidado, e poderão ouvir os seus sussurros ainda hoje. Encontram-se na poesia de Milton e no Inferno de Dante; estão nas pinturas de Giotto e nas imagens de Natal que ainda celebramos no Ocidente.

É claro que eu não sabia nada disto quando fazia o presépio com a minha mãe. Todos os anos, colocávamos Maria, José e os três reis magos. E todos os anos colocávamos o boi e o burro em que Maria tinha viajado. Tínhamos a certeza de que o nosso presépio estava correto: era a representação perfeita da história do nascimento de Jesus, tal como é relatada na Bíblia. Mas o boi e o burro — que se encontram em tantos postais, canções e pinturas — não são mencionados na Bíblia. Em vez disso, são mencionados num outro evangelho antigo — no qual, no momento em que Jesus nasceu, o mundo parou de girar e a vagina da Virgem Maria queimou a mão de outra mulher.

## NOTA DA AUTORA



**E**ncontra-se neste livro um grande número de histórias e o leitor poderá questionar-se sobre qual delas (ou quais delas) é a correta. É importante afirmar desde já que não tomo nenhuma posição relativamente a isso. Não tentarei de modo algum defender quais destas histórias — sejam a do Jesus homicida, ou as das Marias com poderes miraculosos — são as mais plausíveis. Estes textos não têm interesse para o historiador porque são plausíveis — todos eles quebram alegremente e com muita frequência as leis da natureza —, mas sim porque se acreditava neles (e em alguns casos ainda se acredita). Pô-los de lado porque a sua teologia ou a sua mensagem parecem improváveis faria desta obra um trabalho de teologia e não de História.

O leitor também se pode interrogar sobre quais destas narrativas eram mais populares e importantes, no princípio. É uma questão difícil. Muitas destas histórias tornar-se-iam efetivamente muito populares: algumas delas seriam lidas em vários continentes durante séculos. Mas a sua popularidade demorou a desenvolver-se. Este livro observa as fases iniciais da evolução de uma religião, e — tal como sucede no início da evolução de uma qualquer espécie — os números absolutos envolvidos são reduzidos.

O facto de uma espécie se tornar dominadora não significa que tenha sido sempre assim. As narrativas dos evangelhos que são hoje conhecidas foram populares desde o princípio. Mas outras também o eram. A evolução é imprevisível. Em algumas alturas, os antepassados do *Homo sapiens* vacilaram, estiveram perto da extinção. A vitória numa corrida, no fim de contas, nem sempre pertence aos rápidos, nem o sucesso numa batalha aos fortes. O tempo e o acaso estão sempre presentes. As religiões que os humanos abraçaram ascenderam e caíram com uma rapidez e uma imprevisibilidade semelhantes. No século I da nossa era, não terá sido imediatamente evidente qual seria a forma, de uma das várias religiões antigas, que iria por fim superar todas as outras. É claro que os crentes — naquele tempo e agora — podem discordar disto. Habitualmente, sabem qual é a melhor religião: é aquela que seguem. Os primeiros seguidores de Cristo sabiam bem disso. Mas também o sabiam muitos seguidores de Zeus e de Mitra. Para um observador desinteressado, as coisas são muito menos evidentes.

Qual destas histórias cristãs era a mais popular? A resposta simples é

que, nos primeiros anos, nenhuma delas era muito popular, sequer. Uma estimativa (necessariamente muito grosseira) coloca em sete mil o número total de cristãos que existiriam no ano 100<sup>7</sup>. O número de cristãos letrados, ou seja, capazes de ler essas histórias, também foi estimado e é ainda menor: talvez menos de cem. Obviamente, trata-se de um palpite (ou em linguagem acadêmica, de heurística, de uma averiguação), mas mesmo assim não deixa de ser revelador.

Nos primeiros séculos do cristianismo, poucos teriam sido capazes de prever com segurança qual das versões venceria as outras. Mas, por fim, o tempo e o acaso tiveram a sua palavra a dizer e a «corrida» foi ganha por algumas delas. Ainda hoje conhecemos essas histórias, essas versões. Este livro conta a história das outras.

SEMPRE QUE POSSÍVEL, EVITOU-SE A UTILIZAÇÃO DE TERMOS muito carregados de apriorismos, como «herege», «herético», «ortodoxo» e «pagão». Quando são usados, encontrar-se-ão frequentemente entre aspas — ainda assim, uma vez que o contexto também necessita por vezes da utilização de aspas, e dado que o uso desmesurado de sinais de citação pode prestar-se à confusão, não serão sempre usadas; se não o forem, pode considerar-se que estão lá.

Este livro não aborda a relação entre o cristianismo dos inícios e o judaísmo. A obra *Jesus the Jew*, de Geza Vermes, continua a ser uma excelente introdução ao tema. Também não se aborda, a não ser de modo superficial, a retórica feroz da Igreja primitiva contra o povo judeu, nem as leis e decretos antijudaicos que os governantes cristãos frequentemente adotaram e aplicaram nesses séculos contra os judeus, porque esse tema tão vasto merece um livro à parte. No entanto, para os interessados, a leitura do *Código de Teodósio* não será um mau começo.

---

<sup>7</sup> A estimativa foi feita por Keith Hopkins em «Christian Number and its implications», in *Sociological Studies in Roman History*, Cambridge University Press, 2017, pp. 398-431.